

## PERFORMATIVIDADE, SELF E PRÁTICAS SEXUAIS CONTEMPORÂNEAS: CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS PARA QUESTÕES DE SEXUALIDADE E GÊNERO

*PERFORMATIVITY, SELF, AND CONTEMPORARY SEXUAL PRACTICES:  
PSYCHOANALYTICAL CONTRIBUTIONS TO ISSUES OF SEXUALITY AND GENDER*

Lucas Rochel<sup>1</sup>; Érico Bruno Viana Campos<sup>2</sup>

*<sup>1</sup>Psicólogo pelo Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO) e mestrando pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Bauru – São Paulo – Brasil – email: lucas.rochel@unesp.br*

*<sup>2</sup>Doutorado em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo e Professor Assistente da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Bauru – São Paulo – Brasil – email: erico.bv.campos@unesp.br*

### RESUMO

A performatividade, como uma maneira de se compreender as práticas sexuais contemporâneas por meio dos estudos de teorias de gênero, oferta instrumentos para discutir como os conceitos de amadurecimento e desenvolvimento partindo das contribuições winnicottianas, em especial de verdadeiro self e falso self, se relacionam para articular um debate psicanalítico que pode instrumentar questões da psicanálise clínica, ampliada e implicada. O presente estudo tem por objetivo discutir relações de gênero e identidade a partir das contribuições winnicottianas de self, bem como o aporte teórico de teorias filosóficas de gênero, principalmente representadas por Judith Butler, através da noção de performatividade. A pesquisa foi realizada através de análise documental das obras de Winnicott, Butler e por autores e autoras pós winnicotianos(as) por meio das contribuições da análise de conteúdo e referenciais da psicanálise para subsidiar as discussões. O artigo em psicanálise também aborda questões da filosofia de gênero, configurando características de uma pesquisa interdisciplinar, sendo também um ensaio teórico.

**Palavras-chave:** Gênero. Performatividade. Psicanálise. Self. Sexualidade.

## ABSTRACT

The Performativity as a method to understand contemporary sexual practices through the studies of gender theories offers instruments to discuss how the concepts of maturation and development, considering Winnicottian contributions, especially of true self and false self, relate to articulate a psychoanalytic debate that can instrumentalize clinical psychoanalysis issues, extended and implicated. This study aims to discuss gender and identity relations from Winnicottian contributions of self and the theoretical contribution of philosophical theories of gender, mainly represented by Judith Butler, through the performativity notion. The research was a documental analysis of studies by Winnicott, Butler, and post-Winnicottian authors through contributions of content analysis and psychoanalysis references to support the discussions. The article in psychoanalysis also addresses gender philosophy issues, configuring characteristics of interdisciplinary research, being also a theoretical essay.

**Keywords:** Gender. Performativity. Psychoanalysis. Self. Sexuality.

## INTRODUÇÃO

Partindo de uma perspectiva psicanalítica com aporte de teorias filosóficas e de gênero contemporâneas o objetivo deste artigo é discutir relações de gênero e identidade a partir das contribuições winnicottianas de self, bem como o aporte teórico de teorias filosóficas de gênero, principalmente representadas por Judith Butler, através da noção de performatividade. A análise dos dados foi pautada pela análise de conteúdo (Bardin, 1977) que ofertou recursos teóricos e conceituais para viabilizar a análise dos artigos e textos. A pesquisa é qualitativa em sua totalidade, tendo um caráter exploratório para conceitos confluentes e instrumentadores no relativo a gênero e sexualidade à luz das contribuições psicanalíticas.

Iniciando com questões mais clássicas desse campo, o mecanismo de identificação é descrito por Freud (1923) como uma antiga ligação afetiva a um outro, sendo assim podendo levar o sujeito a vir a adotar características desse objeto, pautando o desenvolvimento e a escolha objetal. Exercendo então papel fundamental no desenvolvimento humano, nos estabelecimentos e manutenção dos vínculos afetivos ao longo da vida, a identificação possui importância ímpar na formação do sujeito, nas dinâmicas relacionais e obviamente nas questões de gênero e sexualidade. Fica então uma tarefa complexa e, possivelmente, até o presente momento infundável, compreender como as identificações influenciam atualmente na constituição dos sujeitos contemporâneos, compreendendo as noções de performatividades tão presentes nas questões de sexualidade e gênero contemporâneas. Considerando a noção de performatividade, a identificação com indivíduos que performam de determinadas maneiras já estabelece diferenciações impor-

tantes no que tange à discussão da psicanálise com performatividade e práticas sexuais, bem como questões de gênero.

Considerando as contribuições de Ambra (2016) e realizando uma leitura do já mencionado texto freudiano, encontramos no cerne da discussão sobre identificações o fato de, por vezes, uma procura por uma normatização e normalização de termos, formando uma visão de potencial patologizante ou psicologizante de elementos essencialmente humanos, assim estabelecendo estigmas ou impasses referentes às questões de gênero e sexualidade. A psicanálise tem uma discordância frontal com esses pontos, por um motivo simples e para alguns, inegociável: todas estas questões são vistas como conflitos psíquicos antes de qualquer coisa, seja hetero, homo, cis ou trans; não há diferença. Tal noção é encontrada desde Freud (1923) até os dias de hoje. A psicanálise vê conflitos intrapsíquicos em toda escolha objetual, nos processos identificatórios e de investimento libidinal, não há como e sequer motivo para que, dentro do campo psicanalítico, qualquer indivíduo supor que há pressupostos de normalidade em suas performatividades no tocante à sexualidade e gênero, supondo que outras formas de performar constituem algum caráter patológico. Tal fato pode parecer óbvio; todavia, durante muitos anos os manuais diagnósticos referentes a transtornos mentais continham diretrizes completamente discordantes nesse sentido, estabelecendo um olhar patológico para escolhas objetais, maneiras de performar ou para questões do self enquanto identidade, fortificando por muitos anos tais preconceitos.

A uma concepção de Rocha (2014) sobre a obra de Judith Butler que contempla a performatividade do gênero, considerando os sujeitos em constantes processos construídos pelo discurso e pelos atos praticados; enquadrando a identidade como passível de novas práticas, ou seja, passível de mudanças advindas das mesmas. Havendo uma liberdade, mesmo que reduzida, encontrar ambientes suficientemente receptivos e bons poderia estabelecer outra relação do indivíduo com seus atos performativos. Para compreender melhor sobre a complexidade que reside ao debater performance e performatividade, é de considerável valia trazer as contribuições de Arruda, Colling e Nonato (2019). Entender a importância de olhar para as formas do indivíduo ser e atuar no mundo, construindo assim de maneira constante a sua sexualidade e o seu gênero. Ter atenção ao que um corpo em movimento apreende, ou ao que um self sob ameaças introjeta.

A identidade, o self e a relação que esses conceitos estabelecem com o mundo contemporâneo e com a sexualidade, bem como com a performatividade relativa ao seu tempo e os estudos de gênero podem ser elementos instrumentadores para uma compreensão mais rica dos estudos de gênero, das contribuições psicanalíticas e das possíveis implicações decorrentes dessas análises. O presente artigo foca uma análise teórica de contribuições prioritariamente winnicottianas e de psicanalistas contemporâneos com autoras e autores dos estudos de sexualidade e gênero.

## MÉTODO

A pesquisa foi realizada através de análise documental das obras de Winnicott, Butler e por autores e autoras pós winnicottianos(as) por meio das contribuições da análise de conteúdo e referenciais da psicanálise para subsidiar as discussões. O artigo em psicanálise também aborda questões das teorias de gênero, configurando características de uma pesquisa interdisciplinar, sendo também um ensaio teórico.

As discussões teóricas são ensaísticas e foram possíveis mediante a análise de conteúdo dos textos, articulados entre autores e autoras da psicanálise e teóricas da filosofia de gênero, prioritariamente sendo Winnicott e Judith Butler Respectivamente.

O recorte se deu por meio de uma revisão de literatura que englobou as teorias de gênero e a noção de performatividade de Butler, bem como o conceito winnicottianos de Self e como esse emaranhado compõe a subjetividade e constituição simbólica e egóica de cada um.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando as contribuições de Costa (2010), o self como conceito psicanalítico é de grande valia para a compreensão dos processos de constituição da identidade, estabelecendo relação com o que há de singular para cada sujeito em sua mente e com muitos outros elementos que compõem o seu desenvolvimento como fantasias, desejos, maneiras de buscar e obter prazer, ou mesmo o próprio inconsciente em si. Há importância ímpar no ambiente enquanto fator que também compõe a identidade, segundo contribuições dos ecólogos, a identidade não se restringe a uma pauta de intencionalidades do organismo, considerando que decorrem ademais fatores ambientais do entorno, extra subjetivos. O ambiente e suas composições agem sobre as dimensões físicas e mentais, as situações podem constranger, influir e assim tendo papel notável na formação do self; sem obviamente desconsiderar elementos pulsionais e das intenções dos organismos, o ponto é como isso se relaciona com os objetos ambientais e de que forma essas relações são agentes na formação da identidade.

Continuando a analisar as colaborações de Costa (2010), olhando para as teorias holísticas do self, não se trata de restringir o olhar para fatores individuais para uma dialética entre organismo e ambiente. A chave para a compreensão passa justamente pela consideração devida aos fatores, sem exclusões por conveniências teóricas, encarando a importância do agir e do sentir, estabelecendo assim uma noção de maior completude para a interioridade e formação do self. As sensações físicas, os sentimentos associados às mesmas, o discurso do outro e como ele influenciou sobre o sujeito, bem como o ambiente em sua totalidade são maneiras de entender a identidade como self sentiente, pautando-se a partir dos efeitos psíquicos e mentais das ações dos objetos ambientais

em suas figuras e as afetações que trazem ao sujeito; havendo representações e rastros futuros das mesmas envoltos nos estímulos e relações do sujeito com o ambiente.

Buscando as contribuições de constituições e performances do self, Costa (2010) esmiúça o conceito psicanalítico, trazendo também a noção de self agente, que pôde ofertar material de análise com contribuições instrumentadoras. O self, que a princípio explora os arredores, destinando ações, atuações, desejos e angústias no ambiente, levando a encontrar resistências e aceitações, ambientes ora de uma maneira, ora de outra. Assim, o sujeito também é levado a alterar estratégias de enfrentamento para com a realidade do ambiente, sejam elas externas ou internas. Uma vez que os gestos espontâneos são aceitos ou não, o self encontrará elementos diferentes de oferta para sua formação identitária, as necessidades de satisfação e a satisfação ou não delas causará alterações de estados corporais e mentais do sujeito. Como a falta é constituinte do desejo e o desejo também é por consequência constituinte das nossas formas de atuação no mundo, os perfis de necessidade e a maneira que o ambiente e o sujeito vão se relacionando nesse manejo acaba por contribuir para o desenho do próprio corpo.

Um ambiente, segundo o proposto por Winnicott (1988), deve ser de ajuste eficiente e imediato inicialmente, para depois estabelecer falhas graduais e funcionais para o desenvolvimento repercutirá no self de uma maneira distinta de um ambiente que não acolhe o gesto espontâneo e pode causar a necessidade de um grande grau de adaptações do sujeito, sendo assim também uma defesa e um funcionamento que coloca em risco a formação do falso self, assim gerando um self mais adaptado e defendido para lidar com um ambiente mais nocivo e menos acolhedor. O self agente, ao adquirir linguagem, ganha alternativas para ajustes relativos a futuras situações inéditas, sendo basicamente dois campos de alternativa. A primeira consiste numa repetição sintomática, quase que indiscriminada de funcionamentos do passado, sem considerar o contexto atual, os ganhos e as perdas envolvidas; a segunda, por sua vez, é a possibilidade de inovar de forma criativa, tendo uma avaliação mais apropriada do contexto e podendo transformar um repertório de ajuste mais adequado. Os hábitos mentais dentro desse contexto constituem o que se chama identidade subjetiva do agente, esse arcabouço de hábitos carregados de memórias e afetividades que formam o que é denominado de parte interior ou interna do self.

A relação do self com o mundo passa pelo entendimento do que é interior e exterior no psiquismo, tendo a interioridade como um fenômeno relacional iniciado na corporeidade física, assim as relações com o meio vistas nas interações constituem o sentido de identidade (Butler, 2022).

Butler (2022), por sua vez, aponta que é por meio do corpo que a sexualidade e o gênero aparecem expostos para os processos sociais, estando pertencentes nas relações culturais e sociais. Uma vez que o corpo inicialmente é e ao mesmo tempo não é do sujeito, considerando o fato de, desde o início, estar sob algumas influências do mundo

dos outros, o corpo só pode ser num momento mais tardio, e com certo grau de incerteza reivindicado como de si. Então como se performa e como os ambientes reagem a isso obviamente estabelecem desdobramentos importantes, quando o gesto espontâneo é realizado e rechaçado, coibido, combatido ou não aceito, há repercussões, incluindo nos âmbitos da sexualidade e do gênero.

Partindo da concepção de Butler sobre performance e gênero e das implicações de como as performances relativas à sexualidade e gênero surgem, havendo um paralelo psicanalítico winnicottiano de grande auxílio nesse embate, o conceito de verdadeiro e falso self; as reflexões e construções vão ocorrendo. Ao ter performances aceitas e reconhecidas, ou em termos mais winnicottianos, quando os gestos espontâneos são aceitos, o verdadeiro self vai se construindo, não havendo a necessidade exacerbada e desesperadora de se adaptar ao ambiente de forma brutal.

Winnicott (1988), ao abordar questões somáticas e do desenvolvimento ou amadurecimento, discorre sobre a formação do self, sendo uma entidade construída por meio da continuidade do ser, formando uma noção de unidade corporal, dependência de cuidados e, por sua vez, a consciência. Esta apenas pode se formar quando há mente, rumando por meio dos cuidados físicos advindos de cuidados maternos e das adaptações que ocorrem entre o bebê e essa figura cuidadora que exerce essas funções. O self se constitui e passa a existir graças à elaboração imaginativa das funções somáticas, que por sua vez só são possíveis pelo soma já estar presente, a psique não pode existir sem o cérebro e suas funções, ou em outros termos, todo o desenvolvimento ou amadurecimento está pautado a partir do soma e de como posteriormente o mesmo será elaborado com o auxílio de uma figura que destina cuidados da ordem das funções maternas, se possível, suficientemente bons.

Algo de muito relevante nessa discussão sobre a formação do self é também a formação do verdadeiro e do falso self, tendo como elementos basais a capacidade de criar, a submissão, as exigências e as receptividades e adaptabilidades do ambiente. O verdadeiro self se constitui frente a um ambiente que recebe seus gestos espontâneos com carinho, aceitando-os. Em contrapartida, um falso self tem sua origem num ambiente que exige fortes adaptações do bebê, fazendo-o submisso para se adequar, para pertencer, assim formando a ideia de que existe funcionalidade na falsidade dentro da constituição. Os cuidados durante o amadurecimento são fundamentais nessas formações identitárias como, por exemplo, um bebê que apenas poderá mamar nos horários pré-estabelecidos pela mãe terá que se adaptar ao ambiente, assim não tendo sua criatividade e ilusão de onipotência criativa estimuladas, enquanto um bebê que é atendido pela mãe mediante ao ritmo dele próprio encontra o seu oposto na formação, ele é entendido, compreendido e aceito, tendo potencial criativo.

É evidente que não existem apenas malefícios e benefícios num self, seja ele verdadeiro ou falso, considerando que para estabelecermos relações de sociabilidade, vín-

culos afetivos ou mesmo empregatícios, ora a espontaneidade é mais bem vinda e ora há de se performar segundo parâmetros menos ligados à identidade mais autêntica de cada um. O falso self possui caráter defensivo, sendo então bem-vindo em determinadas situações; contudo, se é necessário se defender em demasia, acaba por sobrar pouco tempo, investimento ou espaço para ser e performar como realmente se gostaria de fazer, assim minando um verdadeiro self e podendo ser prática danosa ao psiquismo.

Levando esse olhar para questões de gênero e sexualidade, pode-se supor que o mesmo princípio valha, que a maneira que se performa o gênero de forma espontânea, se for aceita pelo ambiente, contribui para um self verdadeiro enquanto práticas de performance de gênero; havendo, assim, atos performativos muito mais ligados e próprios de um verdadeiro self. Pela mesma lógica o oposto pode se fazer valer, quando os gestos espontâneos não são acolhidos, quando a inibições, punições, preconceitos manifestos contra quem pratica o ato, violência ou qualquer outro elemento desse cunho; existe a possibilidade de o sujeito passar a performar de outro modo, visando se adaptar ao meio, podendo então contribuir e confluír para a formação de atos performativos menos ligados à identidade de um verdadeiro self, atos que procuram contribuir para uma maior adaptabilidade e evitar as reações negativas do ambiente, enfim, possivelmente, um falso self, estabelecendo uma falsa performatividade. Tornando também presente e pertinente a indagação do papel das violências de gênero e discursivas no tocante a temáticas que entrelaçam gênero e sujeito. As angústias podem auxiliar a compor fantasias ou mesmo interpretações acertadas sobre os perigos de performar de forma autêntica e desprotegida, considerando o panóptico coletivo manifesto de diversas roupagens e nuances na contemporaneidade.

A noção adotada para a discussão é a de performatividade de gênero. Nesse sentido, Arbo (2021) faz importantes contribuições sobre a articulação de performance e performatividade de gênero. A questão central é que o gênero não seria uma essência em si, que se manifesta por meio de atos, dando-se o seu oposto, o conjunto de atos constroem a ilusão de uma essência que constituiria o gênero aos observadores. Não há, então, segundo essa ótica uma essência que forma o gênero, a repetição de atos performativos é que constitui uma noção de performatividade, que por sua vez sustenta a ilusão do gênero como algo substancial.

Butler (2016) aponta o caráter constituinte da noção de gênero como algo formado ao longo das performances e sustentado pelo discurso também, negando assim uma predeterminação ontológica e implicando em discussões sociais e políticas, muito cabíveis também dentro do arcabouço da psicanálise, tendo em vista que a maneira que cada sujeito atua seu desejo e, sobretudo neste artigo, como o ambiente se envolve nessa discussão são elementos muito pertencentes ao campo psicanalítico.

Loparic (2005) afirma de maneira direta, ao analisar a obra winnicottiana, que a primazia dos conflitos do tipo sexual para winnicott estão ancorados no conflito entre

o ser e o fazer, sendo uma questão incontornável. Há elementos centrais para a teoria do amadurecimento que podem fornecer ferramentas para uma compreensão mais profunda e ampliar o entendimento das relações entre os conceitos citados até aqui. Tendo em vista a importância da mãe ou ambiente para o processo constitutivo do ser, existe a necessidade de um ambiente facilitador para o vir a ser encontrar vias de trajeto. O si mesmo primitivo é dependente desse ambiente facilitador e acolhedor que deve ser manifesto numa figura que realize as funções maternas, caracterizando assim um ambiente que proporciona recursos para um amadurecimento saudável.

Loparic (2005), em suas contribuições sobre a obra winnicottiana, segue trazendo a importância que surge ao analisar as produções do psicanalista britânico, emergindo então a hipótese de que esse conceito diz respeito à ideia de que uma pessoa pode ter múltiplas identidades sexuais, não estando presa à genitalidade, mas podendo estar concebidas no contexto dos relacionamentos e relacionamentos vividos, seja por meio de um verdadeiro ou por um falso self, dependendo de qual ambiente é encontrado pelo indivíduo. Acha-se também a possibilidade de performances que são pautadas não apenas nos processos identificatórios, mas também e em determinados casos majoritariamente por organizações defensivas, adequadas a partir das expectativas do ambiente. Performar pode ter a função de defender, do mesmo modo que o falso self visa proteger o verdadeiro. As performatividades falsas ou inautênticas podem ser oriundas de um ego que avalia como necessário proteger sua originalidade, assim preservando suas verdadeiras maneiras de performar.

Considerando as afirmações de Loparic (2005) e trazendo à luz o que Butler (2022) contempla, a confluência dessa artimanha do ego para procurar as defesas que julgue necessárias pode estabelecer um self altamente defendido e inautêntico, de tal modo que, ao lidar com tantas necessidades de se defender e adaptar, seja quase que avesso à noção de autenticidade, dada a possibilidade de alta periculosidade que pode residir no campo performático e da ordem de constituição subjetiva do self. Ao aprender a se adaptar e se defender, ser original e real passa não apenas a ser secundário, mas ameaçador em si.

Winnicott (1964) adverte que o self não é uma questão maniqueísta dividida em verdadeiro e falso self, não sendo uma porção diabólica e outra sacrossanta, pelo contrário, afirma que cada pessoa tem um self mais moldado a padrões sociais e um mais pessoal privado. Há um nível de divisão saudável, tido como pertinente ao crescimento pessoal; a problemática de cunho mais negativo ou mesmo patológico reside na maneira ou intensidade das formações dos selfs, em níveis extremos podendo chegar a uma esquizofrenia. A questão pertinente dessas contribuições para a discussão em questão passa pela noção de que existem indivíduos com maior ou menor grau de tolerância e adesão a algumas falsidades para obter retornos da sociedade, compreendendo de formas diferentes os contextos e maneiras para aderir ou não funcionamentos mais identificados ou menos identificados com um verdadeiro self.

Ainda seguindo as contribuições de Winnicott (1964), é dado o exemplo simples e ilustrativo da devolutiva por parte da criança com o clássico “obrigado”, sendo um sinônimo na maioria das vezes de adesão a uma norma social e não um sinal de gratidão genuína, revelando assim que performances falsas não são sinônimo por excelência de quadros danosos para o indivíduo. A questão cara à identidade e sexualidade se encontra quando, no amadurecimento pessoal, o indivíduo vai aderindo a funcionamentos e maneiras de performar que ferem as questões mais originárias e verdadeiras do self, para assim poder dar retornos mais agradáveis ou mesmo menos violentos por parte do ambiente socioafetivo que o circunda.

Ao abordar a obra de Winnicott, Oliveira (2003) conceitua o si-mesmo ou self como uma porção da personalidade que, em condições adequadas ou favoráveis, tende a se integrar numa unidade. Surgem então diversas implicações no campo do gênero e da sexualidade quando contemplamos a performatividade, o processo contínuo de construção do self e o ambiente ou os ambientes; afinal, o ambiente de maternagem ou ambientes de familiaridades não são os únicos com que o indivíduo terá contato ao longo da vida, tampouco o ambiente familiar de cuidados é sinônimo de condições adequadas ou favoráveis para a integração. Há questões e implicações muito relevantes para analisar o self e performatividade contemporânea frente às compreensões das questões ambientais à luz de autoras e autores mais apropriados das questões da contemporaneidade, seja no tema dos estudos de gênero ou na teoria psicanalítica, em especial das winnicottianas referentes ao amadurecimento e como o verdadeiro e o falso self participam do conjunto dessas discussões.

Os elementos centrais a serem discutidos estão ancorados no conceito de performatividade e self ou si-mesmo, bem como ambos se relacionam com os ambientes da contemporaneidade. A performance é constituinte ao longo dos processos de identidade, personalidade e self; de tal modo que o ambiente no qual se performa e como esse ambiente reage às diversas performances não pode ser ignorado, tendo em vista que são elementos indispensáveis para o entendimento dos destinos das performances e do self. Como um self se constitui a partir de performances sempre rechaçadas pelo ambiente? Como lidar com a constante não aceitação dos gestos (ou das performances) espontâneos? Quais os desdobramentos atrelados nesses processos? São todas perguntas fundamentais para uma melhor e mais funcional compreensão das discussões de gênero e sexualidade dentro do escopo da psicanálise.

As contribuições de Winnicott alertam sobre os perigos de um ambiente que não seja facilitador ou favorável no processo de amadurecimento, trazendo repercussões nos processos de integração, concernimento e desenvolvimento psicoemocional. A mãe suficientemente boa ou um ambiente suficientemente bom deve favorecer a integração, sendo acolhedor, respeitando o gesto espontâneo e frustrando o indivíduo ao longo de sua vida na medida adequada. O ambiente suficientemente bom permite atos performá-

ticos genuínos, autênticos e espontâneos serem acolhidos e assim simbolizados de maneira distinta; o mesmo princípio pode se fazer valer quando partimos da compreensão de que as performances como Butler aponta, constroem a identidade de sexo e de gênero, enquanto as performances numa ótica winnicottiana e as relações com o ambiente vão construindo o self, é possível estabelecer um olhar para a performatividade como algo central no desenvolvimento e de importância ímpar.

A performatividade então é tida como fator fundamental tanto na psicanálise winnicottiana, quanto nas teorias filosóficas de gênero e sexualidade, levantando possibilidades de uma compreensão mais ampla a respeito da temática, considerando que a performatividade é uma questão contemporânea de alto grau na contemporaneidade, sobretudo com as constantes alterações paradigmáticas advindas das dinâmicas sociais encontradas também nas redes sociais.

A questão não se delimita reducionista e maniqueísta considerando a formação de falsos self como prejudicial em última instância e, por consequência, formando assim falsas práticas reiterativas performáticas ou falsas performatividades, constituindo maneiras de entender e agir no mundo pautada no entendimento do ego e das defesas que visam lidar com a alta carga de conflitos psíquicos, em especial daqueles que não se encontram em plena consonância com as formas de performar mais aceitas cultural e socialmente. A formação de falsos self pode corresponder a pequenas cisões saudáveis e que sustentam a integração do psiquismo por meio delas. A questão prejudicial incide nos casos em que as cisões são demasiadas e muito distantes do verdadeiro self, gerando de tal modo performances mais identificadas com esses falsos selfs, remontando então à ideia de que a sexualidade e o gênero são caracterizados pela performatividade. Surge uma performatividade identificada com falsos self, ou falsas performatividades, falsos atos performáticos sequenciais e apresentados em diferentes situações e contextos, como um complexo, elaborado e identificado mecanismo de defesa. A performance distante do verdadeiro self pode vir a construir uma identidade e sexualidade pouco identificada com o verdadeiro self ou pouco verdadeira em si, contudo ofertando menor risco frente ao ambiente que circunda o sujeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que não há pretensão em esgotar a temática, mas opostamente o intuito é fornecer alguns primeiros elementos para iniciar e sustentar discussões teóricas iniciais para que possam surgir novas, sendo elas teóricas, clínicas dentro da psicanálise ou filosóficas. A análise dos artigos e textos aponta para a importância da performatividade na contemporaneidade e como juntamente às teorias de Winnicott de verdadeiro e falso self compõem, aliadas às teorias filosóficas de sexualidade e gênero como composição basal identitária para o sujeito, um possível novo olhar para tais áreas, articulando e possivelmente instrumentando profissionais da psicanálise para uma nova maneira de lidar com tal temática, não exclusivamente mas em especial no ambiente clínico; considerando que são temas tão caros para a psicanálise enquanto prática e ciência.

Uma das possibilidades encontradas a partir de uma análise de práticas sexuais considerando contribuições winnicottianas e de performatividade enquanto conceito de teorias de gênero é o olhar para o ambiente de forma mais ampla e longa, não se limitando à importantíssima figura que realiza os cuidados relacionados a funções maternas, uma vez que Winnicott traz a contribuição e todas as valências e valias de uma mãe suficientemente boa, a indagação sobre os ambientes para além do que tange a mãe ou a figura que realiza tais performances da função materna parece pertinente. Qual ambiente ou quais ambientes se apresentam nos demais processos de amadurecimento e como estes influenciam o mesmo passam a ser questões que emergem quando as relações de self, sexualidade e performatividade se estabelecem, permitindo a discussão a respeito desses ambientes e de quais performances são aceitas enquanto espontâneas.

Caso as práticas de se performar a sexualidade não esteja em consonância com um ambiente que pode rejeitar essa espontaneidade, estaria se fortalecendo um falso self ou falsas maneiras de se performar a sexualidade, tendo em vista que pode ser mais convidativo ao indivíduo estabelecer essa defesa adaptativa do que ter um self que performasse de maneira muito verdadeiramente ligada a sua identidade, mas que em contrapartida fosse hostilizado das várias formas possíveis. A grande questão que parece se formar é: se há importância de uma mãe suficientemente boa para o desenvolvimento do self e por consequências das performances, qual será a importância de um ambiente suficientemente bom ao longo dos anos do desenvolvimento? Como isso se aplica aos ambientes escolares, familiares não-nucleares, virtuais e tantos outros parece ser uma questão ainda a ser investigada e debatida pela psicanálise. Este estudo é exploratório e inicial enquanto um debate dessas articulações, que por sua vez parecem ser promissoras para uma compreensão mais instrumentada da sexualidade contemporânea

## AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial ao Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisa em Psicanálise (NEEPPSICA), por toda contribuição e suporte para esse trabalho e para a formação dos autores num sentido mais amplo.

## REFERÊNCIAS

- AMBRA, P. A psicanálise é cisnormativa? palavra, política, ética da fala e a questão do patológico. *Periódicus*, Salvador, n. 5, v. 1, maio-outubro. 2016. revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades. 2016. p. 101 – 120.
- ARBO, J.B. Performance e Performatividade: Aproximações entre Judith Butler e J.L. Austin. n. 2, v. 16, agosto-dezembro.. *Revista Prólingua*. 2021. p. 256 – 266.
- BARDIN, L. ANÁLISE DE CONTEÚDO. 1ª Edição. Lisboa. Edições 70. 1977. p. 45 – 46.
- BUTLER, J. *Desfazendo gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022. p. 37 – 44
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 119 – 140
- COSTA, A., POLI, M. *Sexuação na adolescência: um ato performativo*. *Psicologia Política*. v. 10. nº 19. JAN. – JUN. 2010 p. 141-150
- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1923. p. 60 – 69.
- LOPARIC, Z. *Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade*. *Natureza Humana*, n. 7, v. 2, julho-dezembro. 2005. p. 311 – 344.
- OLIVEIRA, E. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- ROCHA, C. *Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler*. Caderno pagu, julho – dezembro. 2014
- WINNICOTT, D. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago editora. 1988. p. 25 – 69.
- WINNICOTT, D. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu editora. 1964. p. 75 – 81.